



**Organização
Mundial da Saúde**

ESCRITÓRIO REGIONAL PARA A **África**

AFR/RC63/Conf.Doc/4
2 de Setembro de 2013

COMITÉ REGIONAL AFRICANO

ORIGINAL: INGLÊS

Sexagésima terceira sessão
Brazzaville, República do Congo, 2–6 de Setembro de 2013

ALOCUÇÃO DA DR.^a MARGARET CHAN, DIRECTORA-GERAL

- Excelências,
- Ilustres Senhores Ministros,
- Distintos delegados,
- Representantes da União Africana,
- Dr. Sambo,
- Minhas senhoras e meus senhores,

Em Maio de 2000, a revista “The Economist” publicou uma matéria de capa sobre África. O título era directo e desabrido: “África sem Esperança”.

Esta reportagem abordava temáticas como os refugiados, senhores da guerra, fome, cheias, e governos falhados, SIDA, paludismo e pobreza extrema.

As discussões durante o Comité Regional desse ano pouco fizeram para mudar essa perspectiva desoladora.

A SIDA era incontrolável. Muitos governos tinham declarado a doença como uma catástrofe nacional.

Os medicamentos anti-retrovirais estão fora do alcance de todos os países da Região.

A situação do paludismo era devastadora e a piorar. A média da mortalidade materna era de 940 mortes por 100 000 nados-vivos, em comparação com menos de 30 mortes nos países ricos.

O catálogo de infortúnios subjacentes era extenso: economias falhadas, instituições sociais em colapso, serviços públicos que não funcionavam, sistemas de saúde em ruptura, conflitos civis, guerras e pobreza sem fim.

Felizmente, nenhuma dessas perspectivas sem esperança se aplica actualmente.

Em Março último, o “The Economist” publicou uma nova reportagem especial sobre África. O título e o subtítulo eram dramaticamente diferentes: “África a crescer: o continente da esperança”.

Esta era uma reportagem sobre paz e democracia a criar raízes, sobre crescimento económico sustentado, mercados em franca expansão e uma classe média e qualificada em crescimento.

Como observava o relatório, a Região as coisas estão ainda bastante sombrias na maior parte da Região, mas alguns países estão no caminho certo do desenvolvimento económico e o investimento externo e o comércio transfronteiriço estão a em franco crescimento.

Foram registados saltos de gigante em matéria de desenvolvimento humano, incluindo uma descida acentuada nas infecções por VIH, paludismo e mortalidade infantil, e as subidas mais elevadas nas taxas de conclusão do ensino primário registadas no mundo.

O relatório continha uma conclusão encorajadora. Pela primeira vez em muito tempo, a maioria dos africanos pode ter a esperança de ver um futuro mais risonho para as suas crianças.

Esta é uma reviravolta extraordinária, e num espaço de tempo surpreendentemente curto, na avaliação às perspectivas de África.

Cidadãos, grupos de activistas e os meios de comunicação social esperam mais dos políticos, e responsabilizam os governos pelo seu desempenho.

A África está em transformação. A África está a crescer. A África encontra-se num momento único da sua história.

Algumas decisões políticas cruciais têm de ser tomadas.

O rápido crescimento económico acarreta um risco clássico. Se não existirem políticas adequadas, os ricos tornam-se mais ricos, enquanto a miséria e a doença perdura entre as populações pobres.

O Mundo não precisa de mais países ricos cheios de pessoas pobres.

O último relatório do *Africa Panel Progress*, presidido por Kofi Annan, põe em evidência a questão central. O que é que este aumento da riqueza significa para as populações africanas?

Será que irá tirar milhões de pessoas da pobreza e da doença através de despesas públicas equitativas?

Ou será que irá aumentar ainda mais o fosso entre os ricos e os pobres?

Seguindo os avisos dos bancos e economistas, é necessário que sejam elaboradas políticas para reduzir a pobreza, criar empregos e garantir o acesso justo aos serviços sociais, incluindo a saúde.

Como também referem, o acesso equitativo aos cuidados de saúde é uma das melhores formas de assegurar que os benefícios do crescimento económico sejam distribuídos de forma equitativa.

Os sistemas de saúde bem geridos, com acesso justo, promovem a coesão social e a estabilidade. Como declarou Kofi Annan, o Mundo inteiro beneficia com uma África próspera, estável e justa.

Com isto chego às três principais mensagens que eu gostaria de transmitir.

Em primeiro lugar, convençam aos vossos governos a introduzir despesas públicas que tornem a equidade um objectivo explícito. A distribuição justa de benefícios nunca acontece por si só.

Os pressupostos económicos de que a riqueza irá automaticamente sair da mão de apenas alguns privilegiados e beneficiar as massas foram totalmente refutados.

A década de um notável crescimento económico em África, não foi acompanhada de ganhos igualmente notáveis na saúde.

O crescimento do PIB não é a medida real do progresso.

O que mais importa é a velocidade com que a nova riqueza é convertida em menos pobreza, mais oportunidades e melhor saúde.

A África tem boas bases, a partir das quais pode crescer. Há muito que a saúde tem sido considerada como uma estratégia de construção da nação.

Como nos diz o Banco Africano de Desenvolvimento, a saúde e a prestação de cuidados de saúde de qualidade para todos são vitais ao crescimento e à prosperidade da África.

A saúde promove a riqueza, e a riqueza promove a saúde, mas apenas se for distribuída de forma equitativa.

Em segundo lugar, assegurem-se de que as soluções para os problemas da saúde são criadas em África. Ganham o direito a fazer isso.

Mesmo com as boas perspectivas para a África, e com mais países a alcançarem o estatuto de rendimento médio, outros continuarão durante mais alguns anos a precisar de apoio financeiro externo para os seus programas de saúde.

Os países absorvem a assistência de desenvolvimento através de uma mobilização em larga escala dos seus próprios recursos, que são frequentemente muito limitados.

Merecem ter a primeira palavra quando são tomadas decisões acerca das prioridades e estratégias de saúde.

Estudos recentes mostram que os países tiveram mais progressos, e mais rápidos, no que toca à melhoria da eficácia da ajuda que os seus parceiros de desenvolvimento.

Esta discrepância centrou as atenções nos comportamentos que devem ser alterados. Por exemplo, o financiamento ainda não está a ser canalizado de forma a que reforce, e não sobrecarregue, as capacidades actuais dos países.

Os funcionários da saúde africanos têm sido particularmente expressivos acerca das causas da ajuda ineficaz e os problemas que esta causa.

Uma ajuda fragmentada significa uma proliferação de requisitos e indicadores de notificação. Significa a procura de um conjunto de tipos de medicamentos e equipamento. Significa oportunidades falhadas para economias de escala.

O meu terceiro conselho é este. Alterem os vossos sistemas de saúde com vista a uma cobertura universal, com um duplo foco na qualidade dos cuidados e na protecção social para todos. A cobertura universal torna a equidade um objectivo de política explícito.

O investimento na protecção social é uma das formas mais poderosas para os governos africanos expandirem os benefícios da riqueza de recursos aos seus cidadãos.

Redes de segurança social bem elaboradas podem reforçar a resistência entre as populações vulneráveis, apoiar o crescimento e reduzir as desigualdades sociais.

É também uma rede de segurança que protege contra tendências que fazem dos ricos mais ricos e mantêm o resto presos na pobreza.

Senhoras e senhores.

Ninguém pode negar que as condições são cada vez mais negras para muitos milhões de africanos.

Nas partes mais pobres de África, a OMS estima que cerca de metade da população não tem acesso a medicamentos essenciais.

Quase todos os relatórios presentes a esta Comissão apontam para as mesmas barreiras com vista a uma melhor saúde: financiamento e recursos humanos inadequados, fracas capacidades insitucionais e reguladoras, sistemas de saúde sobrecarregados e muito pouco compromisso político.

Poucos sistemas de saúde estão preparados para lidar com um ataque de doenças não transmissíveis crónicas ou com a crescente população idosa da Região.

Muito pouco foi feito para impedir a feminização da pobreza.

No entanto, a África tem agora países que abordaram estas e outras barreiras e fizeram progressos mesmo tendo em conta as probabilidades.

Esta é uma das razões por que estou pessoalmente optimista em relação ao futuro da saúde em África.

Estão a ser feitos progressos. Estão a ser resolvidos velhos problemas. E estão a aparecer novas oportunidades.

Aproveitem estas oportunidades.

Obrigada.